

**Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

***Biblioteca para professores e modelização das práticas de leitura: análise material das coleções Atualidades Pedagógicas e Biblioteca de Educação***

Marta Maria Chagas de Carvalho<sup>1</sup>  
Maria Rita de Almeida Toledo<sup>2</sup>

O estudo de uma Coleção na perspectiva de uma história cultural do livro e de seus usos inscreve-se no território conceitual traçado pelas proposições historiográficas de Roger Chartier e Michel de Certeau. Nesse território, é central o conceito de *materialidade* do impresso.

Uma coleção de livros é sempre produto de uma estratégia editorial dotada de características que lhe são específicas. Tais características adquirem, no entanto, contornos variáveis, adequando-se a condições específicas impostas pelo mercado editorial e reajustando-se segundo objetivos historicamente variáveis, de natureza econômica, cultural e política. Retomando aqui o conceito de estratégia de Certeau, pode-se propor que a edição de coleções é sempre produto de uma dupla inserção em um lugar de poder: de um lado, a de um interesse econômico de uma casa de edição, marcada por uma lógica que visa a ampliação do mercado editorial; de outro, a de uma política cultural que deposita no livro uma missão, variável segundo os objetivos que lhe são atribuídos por seus promotores, em situações históricas específicas. No primeiro caso, trata-se de ampliar o mercado editorial, qualquer que seja o seu tamanho e sua vitalidade, atingindo novos leitores; leitores virtuais ainda não capturados pelo mercado, ou leitores já cativos, conquistando-os para a leitura de gêneros novos que ainda não têm entrada junto a ele. No segundo caso, trata-se de adequar a mercadoria livro a uma objetivo cultural específico, propondo-o à leitura de públicos específicos.

No Brasil, o *boom* das coleções se dá em um contexto de expressivo crescimento do mercado editorial, crescimento que pode ser aferido tanto em termos do número de títulos, autores e de tiragens, quanto relativamente ao número de editoras que nascem no período. É, assim, a partir da descoberta de que publicar livros no Brasil é um bom negócio, que as coleções se multiplicam, produzindo leitores, prescrevendo-lhes modos de ler, e inventando, assim, o seu público. Se a prática de trabalhar com novas estratégias editoriais e - entre elas,

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Professora Titular da Universidade de Sorocaba; Professora Aposentada da Faculdade de Educação da USP; Coordenadora do Centro de Memória da Educação da USP.

<sup>2</sup> Doutora em História da Educação, Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade/PUC-SP

com coleções -, ainda é tímida na década de 20, ela vai se intensificar e se difundir nos anos 1930.(Toledo, 2001).

Essa expansão dos negócios do livro ocorre em meio à efervescência cívico-patriótica que caracteriza o movimento político-educacional nos anos 1920 (Carvalho,1988; 1998). É nessa conjuntura, que o mercado do livro se reorganiza, acompanhando os movimentos culturais da década. É então que, associado a uma mudança de perfil da literatura educacional produzida no país (Nagle,1976), o mercado de livros de destinação escolar é fortalecido. Do ponto de vista comercial, é mercado garantido pelo próprio movimento de expansão da escolarização, aumento de matrículas e valorização da educação escolar. Do ponto de vista político-pedagógico, o mercado faz do editor um dos atores da modernização cultural do país (Toledo, 2001), fazendo circular livros cujos conteúdos se afinam aos discursos sobre a reforma da escola e da cultura como alavancas de modernização do Brasil.

Editar significa, então, interferir politicamente no estado geral da cultura nacional. E editar livros de uso escolar é colaborar decisivamente para o sucesso do *programa de reforma da sociedade pela reforma da escola* que então se configura como plataforma política de toda uma geração de políticos e intelectuais. Uma das plataformas desse *programa* era promover uma *mudança de mentalidade* do professor que o habilitasse ao papel de promotor da modernização do país pela escola. É nesse contexto cultural que ganha relevância a edição de coleções pedagógicas como *Bibliotecas para Professores*. Fornecendo um repertório de saberes autorizados e prescrevendo modos de ler e de utilizar o lido, essas coleções foram montadas em sintonia com o movimento de renovação escolar em curso<sup>3</sup>.Assim, caracterizar coleções de livros destinados a professores é operação que, neste artigo, põe em evidência a relação entre uma estratégia editorial de nítido interesse comercial e uma estratégia política e cultural de intervenção pedagógica através do impresso. É assim que são aqui analisadas a **Biblioteca de Educação**, organizada por Lourenço Filho para a *Companhia Melhoramentos* e a **Atualidades Pedagógicas**, organizada por Fernando de Azevedo, para a *Companhia Editora Nacional*.

Nessas *Bibliotecas para Professores*, o nome do editor/organizador deve atestar, para o seu público alvo, a legitimidade e a procedência dos critérios que presidiram a escolha dos títulos e dos autores que integram a Coleção. Por isso, a posição e prestígio do organizador/editor no campo educacional conferem a seu nome a autoridade necessária para legitimar a Coleção perante o seu público alvo. Assim, compendiando e legitimando saberes,

---

<sup>3</sup> Sobre a coleção **Atualidades Pedagógicas** ver Toledo (2001) .Sobre a **Biblioteca de Educação**, ver Carvalho & Toledo (2004).

essas coleções se organizam obedecendo à mesma lógica de mercado que faz com que diante de uma abundância de títulos e de autores, o leitor necessite operar uma seleção de suas leituras. Mas, aqui, as razões dessa seleção não são apenas de natureza mercadológica. Quando o editor se adianta ao leitor, propondo-se a realizar por ele essa operação de seleção, a lógica do mercado está presente, mas se articula a estratégias específicas de intervenção cultural através do livro. A lógica dessas estratégias deve ser buscada nas representações dos editores sobre o público alvo das coleções, mas também nas representações sobre a natureza, a importância, a função e a destinação social dos saberes compendiados na coleção.

No momento em que são chamados para organizar as coleções **Atualidades Pedagógicas** e **Biblioteca de Educação**, Azevedo e Lourenço Filho já eram figuras muito conhecidas e prestigiadas. Azevedo tinha posição de liderança no movimento educacional. Construída em São Paulo, onde dirigira, em 1926, nas páginas do jornal **O Estado de São Paulo**, o *Inquérito sobre a Instrução Pública*<sup>4</sup>, essa liderança é consolidada com a reforma escolar que realiza no Distrito Federal em 1928. Lourenço Filho era também figura de prestígio no campo educacional. Além de professor da Escola Normal da Praça da República, em São Paulo, era membro bastante ativo da Sociedade de Educação paulista; era um dos diretores responsáveis pela revista **Educação** e um de seus autores; escrevia na **Revista do Brasil** e em alguns jornais de grande circulação; participava ativamente das Conferências Nacionais de Educação, promovidas pela Associação Brasileira de Educação (ABE) e realizara, em 1922, a Reforma da Instrução Pública no Ceará.

Nomes bastante conhecidos, as etiquetas “Fernando de Azevedo” e “Lourenço Filho” legitimam o conjunto de títulos e autores publicados nas coleções que organizam. Além disso, como educadores de destaque no campo, Azevedo e Lourenço Filho podiam mobilizar toda uma rede de autores para alimentar as publicações dos novos empreendimentos editoriais, assim como tinham meios de divulgar as publicações em outros espaços que não o da propaganda direta das Editoras concernidas<sup>5</sup>.

Para ambos, os espaços abertos por duas das principais editoras do mercado de livros de educação, com ampla estrutura de distribuição e divulgação, significava ampliar seu poder

---

<sup>4</sup> O inquérito, realizado em 1926, é depois publicado na forma de livro. Cf. Azevedo (s/d.)- A Educação na encruzilhada: problemas e discussões. (Inquérito realizado em 1926 pelo jornal *O Estado de São Paulo*).

<sup>5</sup> No espaço desse artigo não foi possível discutir o modo peculiar de circulação da **Biblioteca de Educação** nas revistas especializadas em educação. Mas é importante registrar que revistas como *Educação*, publicada pela Sociedade de Educação paulista em conjunto com a Diretoria de Instrução Pública de São Paulo; o *Boletim de Educação Pública*, da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal; a revista *Escola Nova*, da Instrução Pública de São Paulo, fez circular amplamente os livros da Biblioteca, publicando trechos dos livros em forma de artigos, indicando os títulos com resenhas críticas, ou indicando os títulos em outros artigos de autores das revistas. Para um a análise mais detida da circulação da Coleção na revista *Educação*, consultar Toledo (2005).

de influência. Escolher autores brasileiros, mandar traduzir autores estrangeiros e publicar seus próprios escritos sob a marca de uma editora respeitável dava aos educadores instrumental estratégico de interferência nas lutas pela imposição de determinadas representações sobre pedagogia, formação de professor e política educacional. Era a possibilidade de contrapor uma nova literatura pedagógica a que até então circulava nas instituições de formação do professorado e em seus programas escolares, nas escolas primárias e nas Diretorias de Instrução Pública do país. Na década de 1930, Lourenço Filho e Azevedo permaneceriam ativamente empenhados no movimento de renovação educacional brasileiro, tomando iniciativas e ocupando posições e postos-chave na condução do processo de reforma do aparelho educacional brasileiro. Utilizando as “etiquetas” de seus nomes e “pregando-as” nas coleções de livros, nos prefácios e artigos de revistas, os educadores se transformam em “empreendedores” do mundo editorial.

A publicação da **Biblioteca de Educação** e da **Atualidades Pedagógicas**, são contemporâneas à ascensão do grupo a que pertenciam Lourenço Filho e Azevedo<sup>6</sup>. Enquanto a **Biblioteca de Educação** lançou, 37 títulos e diversas reedições<sup>7</sup>; a **Atualidades Pedagógicas** lançou 135 títulos e diversas reedições<sup>8</sup>. As duas editoras já eram grandes pólos de produção editorial e disputavam o mercado paulista e nacional com edições em diferentes áreas, como literatura, literatura infantil, livros escolares etc<sup>9</sup>.

O modelo de análise das coleções proposto por Olivero<sup>10</sup> (1999) pode aqui ser útil. Ele permite analisar os dispositivos materiais de configuração dessas coleções e recortar o período 1927-1940 para análise.

Entre o final da década de 1920 e meados da década de 1940, as duas coleções editaram autores brasileiros e traduções. Enquanto a **Biblioteca da Educação** apareceu em formato pequeno, dotado de um desenho de capa clássico, do tipo francês, comumente

---

<sup>6</sup> A **Biblioteca de Educação** foi lançada em 1927 e a **Atualidades Pedagógicas** em 1931. As duas coleções tiveram grande longevidade, deixando de serem publicas, respectivamente, em 1970 e 1981.

<sup>7</sup> A descrição e análise material da coleção **Biblioteca de Educação** é fruto do trabalho nosso trabalho conjunto Para uma descrição mais minuciosa da Biblioteca, consultar Carvalho & Toledo (2004).

<sup>8</sup> Para uma descrição mais minuciosa da Biblioteca, consultar Toledo (2001).

<sup>9</sup> Para um descrição da Melhoramentos, consultar Donato (1990); para uma descrição da Companhia Editora Nacional, consultar Beda (1998).

<sup>10</sup> O trabalho de Olivero 1999 permite compor um modelo de análise generalizável para além do caso francês por ela examinado. Tal modelo deverá permitir identificar e analisar os dispositivos de homogeneização dos livros e de sua integração à Coleção assim como os dispositivos de produção de um diferencial que confere identidade à Coleção. O escopo do artigo não permite discutir diretamente o modelo de Olivero, porém, fica registrado o débito da análise com a proposta da autora.

encontrado nas prateleiras das livrarias<sup>11</sup>; a **Atualidades Pedagógicas** foi lançada em formato maior, com capas renovadas, cujo desenho rompia com o clássico francês. É importante destacar que esse traço diferencial remete à própria estratégia com que as editoras ocupavam espaços no mercado. A Melhoramentos sempre optou, em termos de forma, pelo que já estava estabelecido internacionalmente; enquanto a Companhia Editora Nacional, industriada por Monteiro Lobato, investia na renovação das formas, colocando no mercado capas com cores chamativas e desenhos modernos<sup>12</sup>. Os dois editores optaram pelas brochuras de modo a baratear o preço dos volumes<sup>13</sup>, tornando-os acessíveis para os professores.

As capas apresentam o nome do autor, o título da obra e as referências da editora, assim como nome da coleção. Com certa frequência, tanto em um caso como no outro, destacam o lugar de inserção profissional do autor; o conteúdo do livro; o nome do tradutor e o lugar institucional que este ocupava; o nome do autor do prefácio; ou ainda prescrições sobre usos, para o público leitor, de um determinado conteúdo<sup>14</sup>. Nas quartas-capas eram reunidas todas as informações sobre o conjunto de obras que compunham as coleções, assim como as informações sobre as editoras. Nela, o leitor poderia obter informações sobre os critérios de seleção de autores e textos e sobre os próximos volumes que seriam publicados na sequência, além do preço dos volumes e dos endereços de contato da Editora<sup>15</sup>. As duas coleções optaram por introduzir, em todos os volumes, textos de apresentação dos programas de leitura nelas contido. Esses textos serviam para indicar os critérios de seleção de textos e autores; os critérios de organização dos saberes nelas dispostos; o destinatário da coleção; assim como a forma peculiar com que os textos deveriam ser entendidos e manipulados pelo leitor<sup>16</sup>.

---

<sup>11</sup> Ao contrário da Companhia Editora Nacional, a Melhoramentos parece ter sempre optado por formatos e desenhos de capa mais comuns e conhecidos pelo público leitor. Sobre a renovação das capas no mercado editorial, consultar Azevedo, Camargo, Sacchetta (1997).

<sup>12</sup> Sobre a questão, consultar Hallewell (1985.) e Cardoso (2005).

<sup>13</sup> Segundo Monarcha, o preço dos livros, entre 1927 e 1941 variava entre 4\$000 e 10\$000, mas, na sua maioria, os livros custavam entre 4\$000 e 6\$000. Para o autor, esse preço era acessível ao bolso dos professores – principal destinatário da coleção (MONARCHA, 1997).

<sup>14</sup> Por exemplo, o volume 15, em que, sob o título – Os centros de interesse na escola – consta a prescrição: “sugestões para lições globalizadas, segundo o systema Decroly, como contribuição a uma escola brasileira renovada”.

<sup>15</sup> Tanto em um caso, como no outro, a página de rosto dos volumes repunha as informações referentes à coleção: seu título; nome do organizador e número do volume que o título recebe ao ser editado pela coleção; nome da obra publicada; nome do autor e informação sobre seu lugar de inserção profissional; nome do tradutor (quando era o caso), e de sua vinculação institucional; símbolo e nome da editora.

<sup>16</sup> O texto de apresentação da **Atualidades Pedagógicas** funciona, mais ou menos, na mesma perspectiva. O editor procura destacar os saberes e práticas representativas contidas na coleção e sua destinação: “constitui-se de obras escritas especialmente em português ou traduzidas de qualquer língua sobre biologia educacional,

Além analisar esses dispositivos materiais de configuração das coleções, seria importante examinar o que Olivero chama de “aparelho crítico”: prefácios, notas de rodapé, sistema de remissão dos assuntos tratados a outras publicações e sistema de classificação dos volumes publicados.

Embora não seja possível, nos limites deste artigo, realizar exaustivamente uma análise deste tipo, pode-se registrar que, na **Biblioteca de Educação**, o editor usa os prefácios como protocolo para organizar a compreensão do texto publicado no volume prefaciado, validando a autoridade da autoria, e explicitando as razões pelas quais o livro entra na **Coleção**. É também nos prefácios que o editor tece o intertexto que unifica os diferentes volumes publicados, mobilizando informações que credenciam os seus autores e legitimando os saberes compendiados nos volumes. É nos diferentes prefácios, assinados em sua maioria, por Lourenço Filho, que o editor repõe as possíveis relações entre cada um dos textos escolhidos, prescrevendo um modo peculiar de entendimento do campo dos saberes pedagógicos que difunde<sup>17</sup> (Carvalho & Toledo, 2004).

Além dos prefácios, Lourenço Filho, como tradutor/editor, usa as notas de tradução para regular a leitura, explicando conceitos, fornecendo bibliografia, informações do contexto de produção do texto, ou sugerindo a leitura de outros volumes da coleção, como forma de elucidar temas e problemas do texto traduzido. As notas, nesse sentido, também ganham função de intertexto que unifica os diferentes volumes da **Biblioteca** e fornece uma espécie de repertório que situa o texto publicado no campo da produção das chamadas ciências da educação.

Ainda é fundamental a análise dos critérios de seleção de autores e textos. No caso das duas coleções nota-se que uma de suas principais características foi a opção de compor um fundo editorial predominantemente de autores brasileiros, articulados com algumas traduções. Nos dois casos, as traduções jamais ultrapassaram o número de textos de autores brasileiros lançados anualmente. A escolha dos títulos e autores traduzidos também se comporta dentro de um mesmo critério: os autores escolhidos não só eram referências do campo educacional, mas também pertenciam a instituições reconhecidas internacionalmente. Apresentados aos leitores

---

higiene escolar, psicologia aplicada à educação, filosofia e história de educação, sociologia educacional, didática, administração escolar e, em suma, sobre as bases científicas e os problemas gerais e particulares da educação. É, como se vê, uma coleção de obras especiais destinadas a professores e aos educadores” (Texto de apresentação da coleção **Atualidades Pedagógicas**, nas orelhas dos livros de seus volumes, 1934 a 1949).

<sup>17</sup> Entre 1927 e 1955, todos os livros publicados na **Biblioteca** têm prefácios assinados por Lourenço Filho, com exceção de seus próprios títulos e três outros: **Temperamento e caráter sob o ponto de vista educativo**, de H. Geenen, cujo prefácio é assinado por Franco da Rocha; **Educação e Sociologia**, de E. Durkheim, cujo prefácio é assinado por Fauconnet; **Cinema e Educação**, de J. Serrano e F. Venâncio Filho, cujo prefácio é assinado pelos próprios autores.

brasileiros por meio das traduções transformavam-se em referência para o campo da educação no Brasil, em processo de organização.

Se as funções atribuídas ao lugar dos textos de autores brasileiros e traduções parecem se aproximar na arquitetura das duas coleções, os programas de formação do leitor se distanciam pela função atribuída a cada unidade que compõe as duas coleções. Os próprios nomes de cada uma delas já dão indícios dessas diferenças: Azevedo escolhe o termo “atualidades”, que indicaria ao leitor a pluralidade de perspectivas e saberes que compõe as ciências da educação, assim remete para a “eterna renovação” desses saberes, sempre passíveis de atualização, como para a “eterna atualidade” de alguns deles; já Lourenço Filho escolhe o termo “biblioteca” – conjunto fechado e ideal de saberes perenes do campo da “educação”, que são criteriosamente selecionados, reduzindo-os ao necessário<sup>18</sup>.

A escolha dos gêneros editoriais também é diferente: Azevedo opta pela pluralidade de gêneros, sem privilegiar nenhum. Entre os títulos da **Atualidades** estão compêndios e manuais; coletâneas de discursos; ensaios científicos; relatos de experiências ou de práticas experimentais em escolas, entre outros. A estratégia da coleção é instrumento de formação mais amplo do professorado: oferece-lhe variado repertório de saberes, gêneros de leitura e de autores do campo da pedagogia, além de fazer circular um repertório de discursos mais estritamente políticos – sobretudo nos diferentes títulos de Azevedo – que dimensionam a prática educativa e a escola como instrumentos fundamentais de mudança social e da cultura nacional. Diversa é a estratégia da coleção organizada por Lourenço Filho. Organizados como “*pequenos manuais*” que condensam “*as modernas idéias e práticas da educação*”<sup>19</sup>, os volumes da **Biblioteca** se dispõem como peças de um conjunto harmônico destinado a constituir a cultura pedagógica do professorado. Nessa estratégia, a **Biblioteca** é coleção que compendia os saberes pedagógicos necessários à transformação da mentalidade e da prática do professorado.

### Referências Bibliográficas

#### *Fontes primárias:*

AZEVEDO, Fernando de. (1931 – 1946). *Coleção Atualidades Pedagógicas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

<sup>18</sup> Está claro que a seleção operada por Azevedo em sua coleção também remete as mesmas operações que Lourenço Filho faz para a sua. Sobre a discussão dos significados e noções contidas no termo “biblioteca”, consultar Chartier (1994, pp.72 passim).

<sup>19</sup> As palavras são de Lourenço Filho, no prefácio do volume VII da coleção (Cf Proença, A. F. ,s/d)

AZEVEDO, Fernando - A Educação na encruzilhada: problemas e discussões. (Inquérito realizado em 1926 pelo jornal *O Estado de São Paulo*). São Paulo, Melhoramentos, s.d.

LOURENÇO FILHO, Manoel B.(1927-1941). Biblioteca de Educação. São Paulo: Cia Melhoramentos de São Paulo.

### *Bibliografia*

AZEVEDO, Carmem L. de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. 1997. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: ed. SENAC.

BEDA, E.1987. *Octales Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor*. SP: ECA/USP. Mestrado.p286).

CARDOSO, Rafael (org.). 2005. *O design do livro brasileiro antes dos design*. São Paulo: Cosacnaif

CARVALHO, Marta M. C. de. 1988. "Notas para Reavaliação do Movimento Educacional Brasileiro (1920 - 1930)". *Cadernos de Pesquisa*. 66: 4-11, agosto. São Paulo.

\_\_\_\_\_. 1998. *Molde Nacional e Forma Cívica: Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação*. São Paulo: EDUSF

\_\_\_\_\_. 2001. "A caixa de utensílios e a Biblioteca: pedagogia e práticas de leitura". In: VIDAL, Diana G. e HILSDORF, Maria Lúcia. *Tópicos em História da Educação*. São paulo: EDUSP.

\_\_\_\_\_. 2002. "Pedagogia da escola nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola In: FREITAS, Marcos Cezar; Khulmann Junior, Moysés, *Os intelectuais na História da Infância*.1 ed.São Paulo : Cortez, p. 373-408.

\_\_\_\_\_ & TOLEDO, M. Rita de A. 2004. "A coleção como estratégia de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho".in: *Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação: A Educação Escolar em perspectiva*. Curitiba: Sociedade Brasileira de História da Educação. (Cd-rom)

CERTEAU, Michael de. 1994. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Vozes.

CHARTIER, Roger. 1990. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand.

\_\_\_\_\_. 1994. *A ordem dos livros*. Brasília, Editora da UnB.

\_\_\_\_\_. 2002. *À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

\_\_\_\_\_. 2004. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora da UNESP.

CHARTIER e MARTIN. 1990. *Histoire de l'édition française*. Paris: PROMODIS/ Centre National des Lettres

CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. *L'invention du quotidien, une lecture, des usages*. Le Débat, n49, mars-avril 1988, pp. 97-108

DONATO, Hêrnanni. 1990. *100 anos de Melhoramentos (1890-1990)*. São Paulo: Melhoramentos.

GAUZÈRE, Mireille. 1987. "La nebuleuse: enquête sur l'histoire culturelle". In: RIOUX, Jean Pierre (dir.). *L'Histoire Culturelle de la France Contemporaine* (Bilans et



perspectives de la recherche). Paris: Ministère de la Culture et de la communications/CNRS.

HALLEWELL, Laurence. 1985. *O livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. 1996. *A formação da leitura no Brasil*. S.P.: Ática.

MONARCHA, Carlos. 1997. “Lourenço Filho e a Bibliotheca de Educação (1927-1941)”.

MONARCHA, Carlos (org.). *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. Campinas: Mercado de Letras/ UNESP.

NAGLE, Jorge. 1976. *Educação e Sociedade na Primeira República*. SP: EPU.

\_\_\_\_\_. 1960. “A Educação na Primeira República”. In: BUARQUE, Sérgio. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo9. SP: DIFEL

OLIVERO, Isabelle. 1999. *L’Invention de la collection*. Paris: L’IMEC/ Maison des Sciences de L’Homme.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 2001. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. São Paulo: EHPS/PUC (tese de doutoramento).

\_\_\_\_\_. 2005. *Inovação Pedagógica, formação de professor e circulação de bibliotecas para professores: o caso da Biblioteca de Educação*. In: VII Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana, Quito: VII Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana.